

PLANO E ORÇAMENTO – 2008

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhor Presidente do Governo
Senhora e Senhores Membros do Governo

Henry Kissinger, numa célebre entrevista televisiva conduzida pelo Dr Mário Soares, fez a seguinte afirmação: **“a política contemporânea não tem características visionárias, limita-se a gerir o dia-a-dia, depende da opinião pública e das sondagens. No entanto não é por isso que as pessoas ficam mais satisfeitas, nem os políticos mais populares”**.

De acordo com este raciocínio, o exercício do poder é cada vez mais a arte de ser reeleito e menos a de governar.

Ora esta frase fez-me lembrar o Governo que temos tido na nossa Região.

Um Governo que se preocupa essencialmente com a política material; um Governo que cede a grupos de interesse, que pressiona a comunicação social quando não a consegue abafar; um Governo que se preocupa com a popularidade instantânea, que faz obras avulsas, sem estratégia e sem bons resultados; um Governo que se convence que governa atirando com dinheiro para os problemas, considerando que com isso os resolve, que usa os milhões como analgésicos ou paliativos das enfermidades sociais e económicas; um Governo que faz a sua auto-avaliação em metros quadrados de asfalto e metros cúbicos de betão. E um Governo destes, não é um Governo que cumpra a sua função; não é um Governo que corresponda aos objectivos principais do que deve ser a governação; não é um Governo que sirva os interesses das populações das nossas nove ilhas, que nos fazem os Açores.

Nos Açores, precisamos de um Governo que se preocupe com o desenvolvimento equilibrado das nove parcelas açorianas e que entenda as suas diferenças e especificidades.

Precisamos de um Governo que se preocupe mais com as pessoas, enquanto pessoas e menos com os eleitores.

Governar é escolher. É fazer opções. É ter um rumo, uma estratégia, é ter um modelo de desenvolvimento cujas políticas visem um objectivo essencial: **a melhoria da qualidade de vida das pessoas.**

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhor Presidente do Governo
Senhora e Senhores Membros do Governo

O desenvolvimento e o progresso de uma Terra ou de uma ilha, estão muito longe de depender apenas da execução de um pacote de obras públicas, sobretudo quando essas obras não têm por base uma estratégia de sustentabilidade económica e de coesão social e territorial.

Fixemos esta intervenção na ilha do Pico. Olhando para trás, fazendo fé nas obras feitas, e tendo em conta os milhões gastos, resta analisar os resultados. Olhamos para as famílias picoenses e percebemos que estas não vivem hoje melhor do que viviam há 6, 7 ou 8 anos atrás. Pelo contrário, acho que vivem hoje com mais dificuldades.

Então será caso para nos interrogarmos. Que efeito tiveram tantos milhões na vida das pessoas?! No dia-a-dia das suas famílias?!, no Poder de compra?!, no rendimento disponível?!, Nos cuidados de saúde?!, na educação?!, no emprego?!, e em tantas outras vertentes sociais, mas também nas vertentes económicas, na saúde das nossas empresas, na sustentabilidade dos investimentos privados e na criação de riqueza?!

Se a avaliação do custo/benefício do investimento público destes 11 anos de governação socialista na ilha do Pico, não é significativa, não é visível, nem é sentida, então temos que concluir que o Governo não governou tão bem, como apregoa.

A política material, não deixou espaço para a política social. Se tivesse que classificar esta governação socialista diria que teve **um suficiente nas políticas materiais e chumbou nas políticas sociais.**

A maioria socialista, que prometeu governar para as pessoas, rapidamente esqueceu as pessoas e cedeu aos interesses da obra fácil.

E é por isso que a parametrização do discurso político do Governo fica-se por aqui: **quantificação material e financeira.**

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente do Governo

Senhora e Senhores Membros do Governo

Estando hoje aqui em causa a análise do Plano do Governo para 2008, sendo este um Plano de fim de legislatura, da 3ª legislatura de governação socialista, e um Plano de continuidade, ele não deve ser aqui analisado de forma isolada. Deve ser lido também como um Plano que encerra um ciclo de governação.

E para sermos correctos na análise, não vamos aqui afirmar que o Governo nada fez ou que fez tudo mal feito. Obviamente que não.

Este Governo fez coisas. Fez coisas boas. Aliás como era sua rigorosa obrigação.

Mas também ninguém, em consciência, deveria vir a esta tribuna procurar fazer passar a mensagem de que estamos perante um Governo exemplar, um Governo que fez tudo bem feito, um Governo que não falhou, um Governo que não merece qualquer reparo.

Não, longe disso. E naturalmente, se assenta bem aos deputados da maioria, vir aqui relevar os aspectos positivos da governação, têm os deputados da oposição toda a legitimidade para vir aqui criticar e denunciar o que esteve e está mal na governação, as omissões e os falhanços deste Governo, de forma justificada e credível.

É a isto que se chama Democracia. Mesmo que alguns tenham dificuldade em aceitá-lo.

Por isso, relativamente à minha ilha, o Pico, embora reconhecendo que foram feitas coisas boas, mas porque ficou tanto de importante por fazer considero que este Governo esteve longe de governar bem.

No Pico, o Governo falhou no essencial. Passo a concretizar:

Falhou na Educação.

Falhou na Saúde.

Foi tímido nas acessibilidades.

Foi insuficiente na coesão social, económica e territorial.

Na educação, inaugurou a Escola Cardeal Costa Nunes, executada pelo último Governo do PSD.

Encerrou 12 escolas do 1º ciclo (repito 12), sem grandes preocupações com as comunidades locais. Prepara-se para encerrar mais umas tantas, contribuindo cada vez mais para a desertificação das Freguesias e Lugares e para a descaracterização das respectivas comunidades. Relativamente à construção da **Nova escola secundária das Lajes do Pico**, não passou ainda da promessa feita em 1996 e repetida várias vezes nestes 11 anos. Nesta matéria adiou, zigue-zagueou, enganou. Em 11 anos fez tudo para alimentar a expectativa, e esqueceu-se de executar a obra. Ou seja, fez o que lhe é mais fácil e em que se tornou especialista: **gerir as expectativas**.

Na saúde, pouco ou nada de novo. Os picoenses não sentem as grandes melhorias do sistema de saúde que por aí se apregoa.

Com a criação da Unidade de Saúde da ilha do Pico – USIP – (grande bandeira deste Governo), **passou-se a poupar onde se calhar não se devia e a gastar onde se deveria poupar**. Não teve a coragem de proceder às alterações de funcionamento do sistema de saúde como deveria, nomeadamente num serviço de urgência condigno e eficaz. Não se empenhou a sério nos recursos humanos de que o sistema tanto está carenciado, como médicos, enfermeiros e técnicos de outras especialidades. Passados 11 anos, o Governo socialista traz ao palco das suas promessas eleitorais uma questão muito cara aos picoenses. **A possibilidade das parturientes do Pico poderem ver os seus bebés nascerem na sua ilha**. Espero, muito sinceramente, que esta seja uma questão para levar a sério e que tenha sido apresentada com toda a responsabilidade. Quero acreditar que sim. Oxalá que se concretize, para bem dos picoenses. Oxalá que esta

não tenha sido mais uma manobra de diversão para enganar os picoenses, a 1 ano das eleições legislativas regionais.

Nas acessibilidades, embora reconhecendo o esforço que se fez e é visível, nas estradas regionais, na consolidação do molhe do Porto Comercial de São Roque e no Aeroporto, poder-se-ia e dever-se-ia ter ido mais longe. Fazendo o necessário ordenamento da área portuária do Porto Comercial em São Roque e o reordenamento do Porto da Madalena. Já do Aeroporto, depois de tantos milhões gastos e a gastar ainda, estamos, há mais de dois anos, á espera dos aviões.

Teimosamente o Governo não quis ir mais longe nestas infra-estruturas se bem que insistentemente reclamadas pelas forças vivas da ilha.

Na política de coesão social, económica e territorial, limitou-se a deixar a ilha entregue a si própria. Deliberada e reiteradamente **negou a inclusão do Pico nas ilhas da coesão**.

Em matéria de investimento público, há 3 anos consecutivos que coloca o **Pico, em 5º lugar** da tabela. Apenas à frente das ilhas de Santa Maria, Graciosa, Flores e Corvo.

Assim foi no plano de 2006, no de 2007 e é agora no plano para 2008.

Parece até que o Pico, para este Governo, passa a ser **uma ilha excluída**.

Faço notar que por exemplo **no programa 15.1 – sistemas de incentivos e apoio à coesão**, o Pico (a segunda maior ilha em área e a 4ª em população), fica **em penúltimo lugar**. Apenas à frente da ilha do Corvo.

É curioso ainda sublinhar que por exemplo no ano passado, o Pico foi a 4ª ilha a fazer melhor utilização deste programa.

Isto prova que na ilha há dinamismo empresarial, há vontade de investir, há vontade de criar riqueza e gerar emprego. O que tem faltado é vontade ao Governo de estimular, incentivar e apoiar essa força positiva dos empresários picoenses. É mau que assim seja.

Os empresários picoenses não merecem isto!

Nos **fundos da coesão**, o **Governo dá dinheiro a quem não o pode utilizar** e não dá a quem teria capacidade de o utilizar convenientemente em favor da coesão económica, social e territorial. Numa ilha como o Pico isso seria uma mais valia com elevado potencial.

Só pela iniciativa privada, poderemos fixar pessoas, criando novos postos de trabalho e combater o drama da **despovoamento** de que algumas ilhas vão sendo vítimas, e entre as quais o Pico se insere.

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhor Presidente do Governo
Senhora e Senhores Membros do Governo

Em suma: de que adiantará o esforço de construção nas infra-estruturas de 5 estrelas se corremos o risco de ter cada vez menos utilizadores residentes na ilha?! E o Governo não estabelece políticas de combate à desertificação humana das nossas ilhas?!

De que servirá uma boa estrada se os cidadãos não têm capacidade de ter um carro para nela circular?! Pois na verdade, os cidadãos, em geral, vão tendo cada vez menos dinheiro disponível. **O custo de vida sobe e o poder de compra desce** (o índice de poder de compra é apenas de 67%). É esta a verdade inconveniente que o Governo e seus defensores políticos pretendem ocultar.

De que serve um Aeroporto de 5 estrelas se os aviões lá não aterram, para levar e trazer pessoas?! Para que serve um investimento tão vultuoso, se ele depois não tem uma estratégia de rentabilização, uma estratégia de servir as pessoas e as empresas?! Se ela não se coloca ao serviço da própria Terra?!

Sr Presidente do Governo: estas são os factos que nos deixam interrogações preocupantes.

Não sou dos que se satisfazem apenas com mais uns quilómetros de tapete betuminoso, ou com uma pista aeroportuária mais larga e mais comprida. Isso é importante, é necessário, mas se não tem consequência económica e social não serve.

Se um aeroporto resolvesse os problemas de uma ilha, há muito que Santa Maria teria um desenvolvimento que nunca chegou a conhecer.

Ficarei sim muito mais satisfeito se souber da vinda de mais médicos, de mais enfermeiros, ou de outros técnicos na área da saúde para a Unidade de Saúde da ilha do Pico; se souber que mais 2 ou 3 jovens licenciados regressaram à ilha e encontraram na ilha mercado de trabalho compatível com a sua formação técnica.

Ficarei muito mais satisfeito se vir o Governo Regional estabelecer contratos de parceria com as nossas autarquias ou com os nossos empresários, em projectos estruturantes de desenvolvimento da nossa ilha.

Mas porque não vejo nada disto a acontecer e porque acho que isso seria importante acontecer não posso revelar a minha satisfação com este Governo, nem alinho com a satisfação de alguns.

Quero mais para a minha ilha. Quero mais porque acho que o Pico merece mais e sobretudo merece melhor.

Os picoenses e o Pico não podem ficar para trás.

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente do Governo

Senhora e Senhores Membros do Governo

Um Plano do Governo Regional deve ser um compromisso sério e para ser levado a sério. Deve por isso comportar uma forte carga ética.

Deve ser verdadeiro e realista. Não deve ser ilusório nem enganador.

Todos sabemos que este Plano não é para cumprir. É um plano eleitoralista. É um plano rosa-pálido. Ou como se diz no Pico: rosa-desmaiado.

Durante algum tempo consegue-se impressionar os cidadãos com obras.

Mas esgotado esse tempo se as pessoas não sentem que a sua qualidade de vida melhorou, desencantam-se e desiludem-se.

Durante 11 anos as pessoas foram impressionadas, iludidas e enganaram-se.

Por isso revelam agora um desejo de mudança.

Este plano encerra um ciclo de 12 anos de governação socialista. Um ciclo que está esgotado e que também por isso merece ser encerrado.

Disse.